



**Francisco Moésio Rodrigues Cavalcante**

**UMA ANÁLISE DAS MOTIVAÇÕES PARA A SAÍDA E  
RETORNO DE MULHERES E HOMENS POR MEIO DA EJA NA  
ESCOLA ANTONIO CORREIA DE CASTRO.**

**Redenção  
2016**



**Francisco Moésio Rodrigues Cavalcante**

**UMA ANÁLISE DAS MOTIVAÇÕES PARA A SAÍDA E  
RETORNO DE MULHERES E HOMENS POR MEIO DA EJA NA  
ESCOLA ANTONIO CORREIA DE CASTRO.**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, como Trabalho de Conclusão de Curso para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades sob a orientação da Professora Doutora Geranilde Costa e Silva.

**Redenção  
2016**

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira**  
**Direção de Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)**  
**Biblioteca Setorial Campus Liberdade**  
**Catálogo na fonte**  
**Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219**

---

- C365a Cavalcante, Francisco Moésio Rodrigues.  
Uma análise das motivações para a saída e retorno de mulheres e homens por meio da EJA na escola Antonio Correia de Castro. / Francisco Moésio Rodrigues Cavalcante. – Redenção, 2016.  
64 f.: il.; 30 cm.  
Monografia do curso do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.  
Orientadora: Profª. Dra. Geranilde Costa e Silva.  
Inclui referências.  
1. Educação de jovens e adultos. I. Título.

CDD 374

---

**FRANCISCO MOÉSIO RODRIGUES CAVALCANTE**

**UMA ANÁLISE DAS MOTIVAÇÕES PARA A SAÍDA E  
RETORNO DE MULHERES E HOMENS POR MEIO DA EJA NA  
ESCOLA ANTONIO CORREIA DE CASTRO.**

TCC apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras – IHL da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades. Orientadora Dra. Geranilde Costa e Silva.

Redenção, 22 de julho de 2016.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Dra. Geranilde Costa e Silva (orientadora)

---

Dr. Leandro de Proença Lopes  
UNILAB - CE

---

Dr. Sálvio Fernandes de Melo  
UNILAB - CE

A minha família, em especial a minha esposa Auriciane de Lima Bezerra Cavalcante, minha grande incentivadora e companheira, na qual sem ela eu não teria conseguido, pois com sua paciência, soube esperar e compreender a cada noite em claro que passei estudando, sempre me apoiando e aos meus filhos Milton Bezerra Cavalcante e Maria Nicolle Bezerra Cavalcante, que choravam a cada noite que eu saía para estudar me pedindo para que eu não fosse e sim que eu ficasse com eles, me deixando de coração apertado, que nos momentos de dificuldades e aflição souberam me compreender e apoiar, me fortalecendo com seu amor e carinho, me dando a certeza de que valeu a pena cada obstáculo vencido para chegar a conquista da realização desse sonho.

A Meus pais Milton Silva Cavalcante (em memória) e Antonia Irismar Rodrigues Cavalcante, que sempre conduziram meus passos, me incentivaram em minha vida escolar, me apoiando e contribuindo para meu sucesso. Pessoas do bem que me ensinaram o caminho certo a ser seguido.

A minha grande amiga Gloria Beserra Barroso (em memória), que por tantas vezes me apoiou, ajudou e incentivou para que eu não desistisse dos meus sonhos, sem dúvidas a quem tenho muita gratidão e que me deixou muita saudade.

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pela dádiva da vida, por me dar forças para vencer cada obstáculo que surgiu no meu caminho.

Aos meus amores, Auriciane (esposa), Milton e Maria Nicolle (filhos), pela paciência e compreensão de todos os dias.

A meus amigos da faculdade Carlos Augusto, Iracelma Barbosa e Claudio Peixoto, que foram parceiros indispensáveis nessa jornada em que estivemos juntos.

Aos alunos e professores entrevistados da escola Antonio Correia de Castro, que colaboraram com prazer e não mediram esforços para me ajudar com informações para realização desse trabalho.

A professora Dra. Denise Rocha, a quem devo muito de meu aprendizado, aquela que nos recepcionou em nosso primeiro dia turbulento na universidade. Que nos acompanhou durante meses nesse processo de aprendizagem nos cobrando, ensinando e mostrando a realidade como ela é. Os meus votos de gratidão.

A minha orientadora Dra. Geranilde Costa e Silva, por aceitar o convite para me orientar nesse trabalho acadêmico, pela sua compreensão e paciência, com sua sabedoria e empenho ter me ajudado tanto, sem dúvida mostrou seu diferencial. Esteja onde eu estiver nunca a esquecerei.

*Onde quer que haja mulheres e  
homens, há sempre o que fazer,  
há sempre o que ensinar,  
sempre o que aprender.*

Paulo Freire

## **RESUMO**

Este trabalho aborda as motivações e expectativas de mulheres e homens em suas saídas e retornos à escola por meio da EJA – Educação de Jovens e Adultos, sendo observadas as consequências desse processo de exclusão na vida desses discentes. A pesquisa foi realizada na escola de ensino infantil e fundamental I e II Antonio Correia de Castro, situada na localidade de Carro Atolado, cidade de Acarape-Ce. O trabalho é resultado de observações e entrevistas realizadas com os alunos da referida escola. Como base teórica buscou-se amparo na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) Lei nº. 9.394/96, que fundamenta essa modalidade de ensino. Utilizou-se a coleção educação para todos do Ministério da Educação, que trata da inclusão social de jovens e adultos excluídos do processo de aprendizagem formal no país. Foram mencionados ainda os seguintes autores: CUNHA (2001); BARBOSA E SOUZA (2006); FREIRE (2002, 2006); SOLÉ, (1998); CUNHA (1999); MOURA (2003); FERREIRA (2001); LEÃO (2012); HADDAD; DI PIERRO (2007) todos voltados para o campo da pesquisa.

Palavras-Chave: Motivações. Expectativas. Educação de Jovens e Adultos.

## **ABSTRACT**

This paper discusses the motivations and expectations of women and men in their exits and returns to school through EJA – Educação de Jovens e Adultos, the consequences being observed this process of exclusion in the lives of students. The survey was conducted in the school of kindergarten and elementary I and II Antonio Castro Belt, located in the town of Bogged down car, city Acarape-Ce. The work is the result of observations and interviews with the students of that school. As a theoretical basis sought to support the Law of Guidelines and Bases of National Education (LDBEN) Law no. 9.394 / 96, which underlies this type of education. We used the collection education for all the Ministry of Education, which deals with the social inclusion of young people and adults excluded from the formal learning process in the country. They also provide the following authors: CUNHA (2001); BARBOSA E SOUZA (2006); FREIRE (2002, 2006); SOLE (1998); CUNHA (1999); MOURA (2003); Ferreira (2001); LEÃO (2012); HADDAD; DI PIERRO (2007) all facing the field of research.

Keywords: Motivations. Expectations. Educação de Jovens e Adultos.

## LISTA DE SIGLAS

ABC	CRUZADA DE AÇÃO BÁSICA CRISTÃ
CEAA	CAMPANHA DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS E ADOLESCENTES
CRUB	CONSELHO DE REITORES DAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS
EJA	EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
FAT	FUNDO DE AMPARO AO TRABALHADOR
FUNDEB	FUNDO DE MANUTENÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA.
FUNDEF	FUNDO DE MANUTENÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO ENSINO FUNDAMENTAL E VALORIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO
IBGE	INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
INCRA	INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA
LDB	LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL
MCP	MOVIMENTO DE CULTURA POPULAR
MEB	MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE
MEC	MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
MEPF	MINISTÉRIO EXTRAORDINÁRIO DA POLÍTICA FUNDIÁRIA
MOBRAL	MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO
MST	MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA
ONU	ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS
PAS	PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO SOLIDÁRIA
PEI	PROGRAMA DE EDUCAÇÃO INTEGRADA
PEQS	PLANOS ESTADUAIS DE QUALIFICAÇÃO
PLANFOR	PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DO TRABALHADOR
PNAC	PROGRAMA NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO E CIDADANIA
PNAD	PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIO
PROEJA	PROGRAMA DE INTEGRAÇÃO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL AO

ENSINO MÉDIO NA MODALIDADE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.

PRONERA PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA  
SEFOR/MTB SECRETARIA DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO  
PROFISSIONAL DO MINISTÉRIO DO TRABALHO  
UNE UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES  
UNESCO ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO,  
CIÊNCIA E CULTURA.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1. PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES JUNTO AO CAMPO DA PESQUISA ..</b>	<b>14</b>
1.1- O olhar da docente sobre os/as estudantes da EJA.....	17
1.2- O cotidiano escolar da EJA.....	18
1.3- Aproximações iniciais junto aos/as estudantes da EJA.....	21
1.4- Algumas Conclusões.....	26
<b>2- BREVE HISTÓRICO DA EJA NO BRASIL .....</b>	<b>27</b>
<b>3- ESCUTANDO AS MULHERES E OS HOMENS DA EJA .....</b>	<b>45</b>
<b>4- REFLEXÕES SOBRE AS FALAS DOS SENHORES (AS) DA EJA .....</b>	<b>50</b>
<b>5- CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>51</b>
<b>6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	

## INTRODUÇÃO

Esta monografia teve como objetivo conhecer e compreender as motivações de mulheres e homens, em suas saídas e retornos à escola por meio da Educação de Jovens e Adultos – EJA. Verificamos um pouco da trajetória de vida de estudantes da EJA, buscando conhecer, de um lado, os motivos pelos quais esses e essas estiveram tanto tempo fora da sala de aula, uma vez que essa falta de acesso à educação veio a trazer prejuízos em suas vidas, transformando o cenário social em que estavam inseridos (as). E de outro, tomar ciência das motivações que os/as trazem de volta à escola por meio da EJA. As angústias, as lamentações, os sofrimentos apresentados por cada um e cada uma para se afastarem da escola se revela como um grande problema na educação de nosso país, principalmente na região nordeste, já que o alto índice de analfabetismo existente provoca uma grande desigualdade social, em que pessoas letradas têm mais privilégios e acesso as oportunidades ofertadas tanto na área de trabalho, quanto na formação acadêmica.

A metodologia de pesquisa utilizada foi inspirada no método da história oral, dessa forma foi possível e necessário ouvir os relatos dos (as) discentes acerca de suas trajetórias de vida dentro da educação. Essa modalidade de pesquisa de acordo com Cunha (2001, p.28), possibilita que:

Avaliamos que a história oral, a partir do viés da história de vida, representa uma metodologia fundamental na apreensão dos movimentos sociais, das relações sociais e dos processos institucionais. Através da história de vida, como uma modalidade da história oral, pode-se compreender o conjunto de vida dos indivíduos, recorrendo as trajetórias de vida.

Essa pesquisa foi realizada durante os meses de agosto e setembro de 2015 e em abril de 2016, com alunos (as) regularmente matriculados no 1º, 2º e 3º segmentos da EJA, pertencentes a uma escola situada na localidade de Carro Atolado, no Distrito de Canta Galo, Acarape-Ceará. O trabalho foi realizado a partir de

observações e entrevistas feitas com estudantes dessa modalidade, sendo a turma dividida entre mulheres e homens com idades entre 18 e 78 anos. Foi utilizado ainda, um diário de campo e o trabalho de observação participante.

Este estudo foi dividido em três capítulos. No primeiro, foi apresentado o resultado das primeiras observações realizadas junto ao campo da pesquisa, momento que em busquei investigar as seguintes questões: Como funcionam as salas de aula de EJA? Quem são os (as) alunos (as) da EJA? O que esses e essas discentes desejam obter quanto à escola? Ainda apresento o olhar da docente sobre o público da EJA, quais as dificuldades encontradas por ela junto a essa modalidade de ensino.

No segundo momento, foi desenvolvido um breve histórico da EJA, sobre os diversos programas criados na tentativa de diminuição dos altos índices de analfabetismo sofrido no país, a trajetória de lutas e conquistas dentro dessa modalidade de ensino, em especial, dos movimentos sociais iniciados. Cito as transformações ocorridas com o surgimento da nova metodologia de ensino para a EJA proposta pelo educador Paulo Freire e o amparo da EJA pela LDB – Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional nº. 9.396/96.

No terceiro capítulo, exponho o resultado das entrevistas realizadas com esses (as) discentes, as motivações das Senhoras e dos Senhores, para sair e voltar à escola por meio da EJA. A partir desse estudo monográfico foi possível constatar as motivações que levaram com que estes/as alunos (as) saíssem e depois retornassem à escola.

## 1. PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES JUNTO AO CAMPO DA PESQUISA

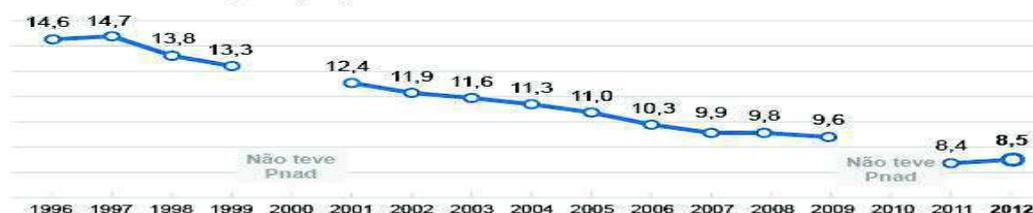
Sempre acreditei na educação como o caminho para a transformação de uma sociedade, pois é a partir da educação que a realidade social passa a ter um perfil diferenciado. A busca pelo saber, a conquista pela formação escolar é um desejo de muitos brasileiros e brasileiras, no entanto, muitos/as desses/as vêem seus sonhos frustrados por algum motivo que os/as impedem de seguir em seus projetos de vida e, assim passaram a fazer parte da população analfabeta do nosso país. Felizmente, no Brasil o número de pessoas analfabetas vem regredindo nos últimos anos. É o que apresenta “a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), realizada pelo IBGE em 2014, aponta que o percentual de pessoas analfabetas no Brasil é de 8,3%” (Fonte: IBGE, 2014.) Segue logo abaixo a referida pesquisa:

### Analfabetismo no Brasil

% de pessoas com 15 anos ou mais de idade analfabetas

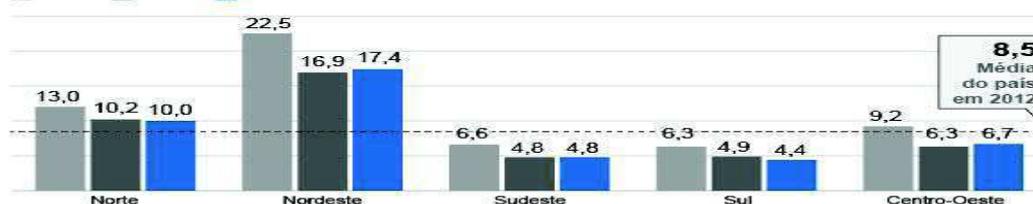
#### Taxa de analfabetismo

Houve estagnação na queda do número de analfabetos no Brasil. Há 300 mil novos analfabetos em relação à pesquisa de 2011



#### Analfabetismo por região

■ 2004 ■ 2011 ■ 2012



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2011-2012

Frente a essas informações e a partir da minha experiência como docente da Educação de Jovens e Adultos – EJA, é que senti a necessidade de desenvolver um trabalho de cunho científico que pudesse responder a seguinte indagação: Que

motivações têm Senhoras e Senhores, em idade avançada, para sair e voltar à escola por meio da Educação de Jovens e Adultos?

Buscando responder a essa indagação central é que decidi me reaproximar da EJA, por meio de uma escola pertencente ao município de Acarape (Ce).

De início passei a desenvolver observações junto a uma sala do 1º segmento, ou seja, turmas do 2º ao 4º ano do Ensino Fundamental I. Chegando à escola fui conversar com a professora, a Sra. A. M. A<sup>1</sup>, para entender como funcionava o ensino nessa turma e qual o perfil dos/as discentes. Ela relatou que tem uma turma bastante numerosa, cerca de 35 (trinta e cinco) alunos/as matriculados/as, no entanto, apenas 18 (dezoito) estudantes (10 mulheres e 8 homens) comparecem regularmente às aulas, e que as idades variam entre 40 e 70 anos, e cada um deles (as) portam objetivos diferenciados quanto à escola. Logo abaixo apresento um breve relato dessas observações que desenvolvi por cerca de três semanas.

Começando a aula e o número de estudantes ainda era pequeno, apenas 05 (cinco), e a docente pediu para que aguardássemos os/as colegas que ainda estavam por chegar. Por volta das 19:00hs, a sala só contava com 12 alunos (as), todavia esses (as) se mostraram animados/as, demonstrando interesse em estudar. A docente iniciou a aula me apresentando ao grupo, todavia, alguns discentes já me conheciam pelo fato de pertencermos à mesma comunidade, ainda assim, percebi que minha presença despertou curiosidade. Posteriormente a educadora disse a turma que eu iria fazer um trabalho de observação e algumas anotações sobre o dia a dia daquela sala de aula. Feitas às devidas apresentações, o grupo agiu naturalmente, ou seja, não mostrando estar incomodado com a minha presença. Em seguida a educadora começou a leitura de um texto sobre uma lenda folclórica por nome de “O Curupira”, eles/elas pareciam estar entusiasmados para começar a ouvir a história. Após a leitura a docente convidou o grupo a discutir sobre o assunto, e a participação foi bastante satisfatória. Durante o

---

<sup>1</sup> Os nomes dos participantes da entrevista apresentam-se no corpo do trabalho abreviados, por motivos éticos e de preservação dos mesmos.

debate uma das alunas interrompeu a aula dizendo: “*Professora, eu já estou ficando é com medo dessas histórias, vamos escrever e fazer conta, eu quero é aprender matemática e fazer ditado*”. Após esse pedido a educadora deu início a um ditado de palavras retiradas do texto lido, de modo que o grupo ficou atento às palavras que foram pronunciadas. Nesse sentido, percebi que esse tipo de atividade, ou seja, o “ditado” tem grande significado para o grupo, pois pareceu representar um desafio, escrever as palavras de acordo com as normas ortográficas.

(...) uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos presentes na superfície do texto e na organização, mas que requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes e sua reconstrução no interior do evento comunicativo. (BARBOSA E SOUZA, 2006, p.16).

Posteriormente, tratei de conversar com alguns discentes de maneira informal e pude perceber que os mesmos estavam ali com o objetivo de aprender a ler e escrever, e também com uma perspectiva de futuro profissional. No entanto, chegavam a explicar que buscavam apenas ter a capacidade de saber escrever os seus nomes, fazer leituras de textos, avisos, notícias de jornais, placas informativas, e, assim, solucionar os desafios encontrados no dia a dia quanto à leitura.

Naquele momento avaliei que ainda era cedo para entrevistar aquela turma e, assim procurar entender quais os motivos que levaram o grupo a retomar os estudos. A partir das observações realizadas nessa turma de pessoas com mais idade, com histórias e desejos diferentes, pude perceber que algo parecia ser igual, que era o desejo de aprender a ler e a escrever, portanto resgatar o tempo perdido.

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela, saberes socialmente construído na prática comunitária, mas também discutir com eles a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 2006, p.30).

Esses dias de observações na escola me fez recordar o tempo em que atuei como docente junto à EJA, a conquista diária e o prazer em ver os/as alunos/as desejosos/as em aprender e a cada dia descobrirem novas informações, a socialização de saberes, os relatos de experiências de toda uma vida, o que tornava a aula cada vez mais prazerosa e produtiva, uma vez que a relação professor-aluno:

Para ser um ato de conhecimento o processo de alfabetização de adultos demanda, entre educadores e educandos, uma relação de autêntico diálogo. Aquela em que os sujeitos do ato de conhecer (educador-educando; educando-educador) se encontram mediatizados pelo objeto a ser conhecido. Nesta perspectiva, portanto, os alfabetizando assumem, desde o começo mesmo da ação, o papel de sujeitos criadores. Aprender a ler e escrever já não é, pois, memorizar sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre o próprio processo de ler e escrever e sobre o profundo significado da linguagem. (Freire, 2002, p. 58).

### **1.1 O olhar da docente sobre os/as estudantes da EJA**

Conversando com a professora do 1º segmento, a Sra. A. M. A.<sup>2</sup>, sobre a sala de aula, ela me contou que seus alunos e alunas são interessados/as e participativos/as, que o grupo expressa bastante interesse em aprender a ler e escrever. No entanto, fala que um grande obstáculo encontrado é a evasão escolar, pois explica que de uma turma de 35 (trinta e cinco) alunos/as matriculados/as, apenas 18 (dezoito) comparecem regularmente à escola, sendo que nunca o grupo está completo, o motivo apresentado para essa evasão é o cansaço físico, pois o grupo justifica que após de um dia de trabalho, não se sentem encorajados para ir à escola.

Perguntei à docente sobre o interesse dos/as discentes para voltarem aos bancos escolares e esta relatou que muitos/as estão ali porque se sentem

---

<sup>2</sup> Os nomes dos participantes da entrevista apresentam-se de forma abreviadas no corpo do trabalho, por motivos éticos e de preservação dos mesmos.

incomodados/as pelo fato de não conseguirem fazer leituras, o que se faz necessário no dia a dia. Já outros (as) buscam algo mais, pois chegam a relatar que a falta da leitura e da escrita muitas vezes os/as impedem de crescer, perdendo assim as oportunidades ofertadas dentro da empresa onde trabalham, o que os(as) levam a acreditar que a escola pode ajudá-los/as a conquistar melhores postos de trabalho.

Um dos múltiplos desafios a ser enfrentado pela escola é o de fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente. Isto é lógico, pois a aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas, ela provoca uma desvantagem profunda nas pessoas que não conseguem realizar essa aprendizagem. (SOLEÉ, 1998, p.32).

A professora ainda revelou que uma de suas alunas, que é vendedora autônoma, reclama das dificuldades enfrentadas devido à falta de leitura e escrita, pois se sente bastante prejudicada no trabalho. Ela tem dificuldades em fazer anotações e contas dos(as) clientes. Outro fato relevante abordado pela educadora é que alguns alunos(as) desejam conseguir a carteira de habilitação para dirigir, sendo que a falta de estudo os impedem de conseguir.

## **1.2 O Cotidiano escolar da EJA**

Após duas semanas de observação junto à turma do 1º segmento, resolvi me aproximar do 3º segmento, uma classe que contava com 36 alunos/as matriculados/as, mas apenas 16 (dezesesseis) frequentavam regularmente, sendo 11(onze) estudantes do sexo masculino e 05 (cinco) do sexo feminino, tendo o grupo um perfil mais jovem, com uma faixa etária entre 18 e 40 anos. Essa turma contava com 04 (quatro) docentes que se sub-dividem para ministrar as disciplinas ofertadas<sup>3</sup>. Nesse dia de observação fui recepcionado pela educadora a Sra. M. E.<sup>4</sup>, que me recebeu muito bem, apresentou-me aos seus(suas) alunos(as) e explicou qual o motivo de minha presença ali. Ao entrar na

---

<sup>3</sup> As disciplinas ofertadas são: Português, Matemática, Geografia, História, Ciências, Inglês e Religião.

<sup>4</sup> Os nomes dos participantes da entrevista apresentam-se de forma abreviada no corpo do trabalho, por motivos éticos e de preservação dos mesmos.

sala de aula, percebi de imediato a intimidação por parte de alguns discentes, enquanto outros(as) manifestaram curiosidade em saber o que eu estava fazendo ali, chegando mesmo a me interrogarem sobre o motivo de minha presença.

Realizadas às devidas apresentações, procurei sentar no final da sala, onde eu poderia ter uma visão mais ampla do que acontecia naquele ambiente, estrategicamente onde a maioria dos(as) alunos(as) já estão acostumados a sentar. A aula do dia abordou a disciplina de Geografia, cuja temática teve por título: *“Mundo globalizado, origens”*, a professora começou pedindo para que alguém fizesse a leitura, a participação foi bastante expressiva, todos(as) demonstraram interesse em aprender, o que podia ser revelador de que aqueles(as) discentes estavam buscando a realização de um objetivo, correndo atrás do tempo perdido e evitando permanecerem fora da escola. O tema rendeu uma boa discussão em sala, isso porque a turma buscou explicar como essas transformações geradas pelo fenômeno da Globalização se manifestavam em suas vidas.

Libâneo e Oliveira (1998, p. 606) afirmam que:

As transformações gerais da sociedade atual apontam a inevitabilidade de compreender o país no contexto da globalização, da revolução tecnológica e da ideologia do livre mercado (neoliberalismo). A globalização é uma tendência internacional do capitalismo que, juntamente com o projeto neoliberal, impõe aos países periféricos a economia de mercado global sem restrições, a competição ilimitada e a minimização do Estado na área econômica e social.

A educadora ao explanar sobre o assunto buscou explicar a questão da expansão da globalização mundial, dando exemplos, fazendo um comparativo entre o passado e o presente e as perspectivas para o futuro, de como vem ocorrendo transformações na sociedade, conseguindo assim colher dos(as) alunos(as) suas opiniões sobre o sistema capitalista hoje existente.

Como ocorre na maioria das salas de aula, na turma de EJA não foi diferente, enquanto a docente fazia a leitura e explicação do texto, alguns estudantes que estavam sentados ao final da sala brincavam no celular, sem que ela percebesse. Aconteceu até um fato bastante interessante, não sei se real ou apenas uma brincadeira feita por um aluno. Após todas as explicações e debates realizados, a educadora pediu que os(as) educandos(as) realizem as atividades propostas no livro, e eis que um deles em tom de risada disse: “- *Professora e a aula é de que mesmo heim?*”<sup>5</sup> A educadora por sua vez, retrucou: “- *Eu prefiro acreditar que isso é apenas uma brincadeira sua, após todas essas discussões que acabaram de acontecer e por saber que desde o início do ano letivo eu sou a professora de geografia, não acredito que esteja falando sério*”. O aluno por sua vez responde: “-*Estou brincando professora, eu sei que é Geografia*”. Durante a resolução das atividades eis que ela se depara com mais um fato inusitado, um dos alunos estava tirando uma selfie<sup>6</sup> durante a aula, a mesma em tom de brincadeira falou: “- *Tão chique tirando uma selfie, mas deixe para outra hora, vamos prestar atenção na aula e resolver as atividades*”. O aluno atendeu as ordens da professora, desligou o celular e continuou as atividades.

Posteriormente, voltei à escola para dar continuidade as observações, e me deparei mais uma vez com “a evasão escolar”, o que já não era mais nenhuma surpresa para mim, devido ao fato de já ter presenciado essa situação outras vezes. Nesse dia ficamos até às 19:30hs esperando pela chegada dos(as) alunos(as) de todos os segmentos, mas apenas três compareceram<sup>7</sup>. Frente a tal episódio o corpo docente da escola passou a buscar alternativas para sensibilizar o alunado a retornar à escola, tais como: divulgação da EJA na rádio local, visita à casa dos(as) discentes, e procurando assim entender qual o motivo que os afastam mais uma vez da sala de aula.

---

<sup>5</sup> O aluno é K. M. da S, personagem de uma história real bastante sofredora.

<sup>6</sup>Selfie é uma palavra em inglês, um neologismo com origem no termo *self-portrait*, que significa autorretrato, e é uma foto tirada e compartilhada na internet.

<sup>7</sup> Os/as alunos/as que comparecerão eram todos do 1º segmento, (1ª ao 4ª ano), composta por 18 alunos frequentando a sala de aula.

Apesar da baixa quantidade de alunos (as) presentes em sala, a aula continua normalmente. Diante dessa situação a aluna R.A. se mostrou irritada e disse: “ - *Nos esforçamos para comparecer e não podemos desperdiçar um dia de aula, pagando por aqueles que não querem nada*”.

Após alguns dias de observações, senti que já estava familiarizado o bastante com a turma, de modo que decidi fazer algumas perguntas ao grupo, e estes manifestaram grande interesse em participar desse momento de entrevista.

### **1.3 Aproximações iniciais junto aos(as) estudantes da EJA**

Elaborei algumas perguntas buscando entender o motivo pelo qual esses alunos e alunas se afastaram e depois retornaram à escola por meio da EJA. Logo abaixo o fruto dessa conversa com o grupo de alunos/as da EJA.

Aluno 1:

O discente do 1º segmento, J. A, M., 41 anos, nasceu na cidade de Morada Nova (Ce), e é filho de agricultores. Quando perguntado por qual motivo se manteve fora da escola, o mesmo diz que sempre teve dificuldade quanto ao acesso à escola, relatou ainda que desejava muito estudar, mas os pais não se esforçavam e o levavam para a roça para trabalhar, e assim ajudava a colocar comida em casa. No entanto, ressalta que com seus irmãos mais novos a situação foi diferente, pois todos/as tiveram acesso à educação. Fala que decidiu voltar à escola, pois sem educação não dá, até por que o mercado de trabalho exigia que ele tivesse estudado. Relatou também que em seu trabalho sofre pelo fato de não ter estudado, pois com o estudo teria mais oportunidades de assumir um cargo melhor dentro da empresa. Ele explica que recebeu uma visita dos(as) funcionários(as) da escola, que o convidaram a retomar os estudos, de modo que viu nesse convite a oportunidade de aprender e recuperar o tempo perdido. Ele ainda falou que vai enfrentar todas as dificuldades para conseguir o que deseja, e que o cansaço de um dia de

trabalho não o desmotivará, e que acredita vai conseguir alcançar os seus objetivos que é concluir o ensino médio.

Aluno 2:

O estudante do 3º segmento, K. S. de S., 26 anos, nasceu em Maracanaú (Ce), onde viveu até os 9 anos de idade, depois passou a residir na localidade de Carro Atolado, Acarape (Ce). Filho de agricultores. Diz que o pai não o deixava estudar, pois considerava que isso não tinha futuro, e que mais importante era ajudar nos afazeres de casa, de modo que só começou a frequentar a escola quando mudou de cidade. Falou que por não fazer nada à noite, resolveu voltar a estudar por meio da EJA, e assim, tentar aprender alguma coisa. O mesmo disse que se tivesse sido motivado desde criança pelos pais não teria perdido o desejo pelo saber e hoje estaria formado. Atualmente trabalha como ajudante em um comércio local. O mesmo ainda reclamou que a falta de estudo tem lhe impedido de conseguir um melhor trabalho e um bom salário, ou seja, um trabalho de mais qualidade. Ficou sabendo da aula à noite através de convite feito pela professora, a Sra. A. M. A., em um encontro com esta na rua. Disse que após essa conversa se sentiu motivado e resolveu novamente tentar estudar, o mesmo falou: “- *Não me custará nada conhecer como funciona*”. O rapaz disse também que pretendia com essa oportunidade, conquistar um diploma e, quem sabe no futuro um trabalho melhor. Relatou que tem o sonho de ser veterinário, pois gosta muito dos animais (nas horas vagas é ajudante em uma fazenda local), e se não conseguisse ser veterinário que desejava pelo menos obter o certificado em um curso em nível técnico para cuidar de animais. Por passar o dia trabalhando, ele explica que o cansaço é seu grande inimigo em frequentar as aulas, diz que por muitas vezes é preciso trabalhar até à noite, não podendo assim comparecer regularmente às aulas, o que ele acha ruim, e fez a seguinte avaliação: “... - *Pois não gosto de perder um só dia de aula, vou perder assuntos importantes*”.

Aluno 3:

O discente do 3º segmento, K. M. da S., 23 anos, tem 03 (três) irmãos, e todos eles foram criados pela mãe que é agricultora e reside na localidade de Carro Atolado, também no município de Acarape (Ce). Falou que um fato marcante e sofrido foi o fato de ter conhecido o pai apenas quando morto dentro de um caixão<sup>8</sup>. Disse ainda que desde cedo teve que trabalhar para ajudar nas despesas de casa, estudava pela manhã e trabalhava à tarde nas caieiras<sup>9</sup>, o que para ele era muito sofrido, pois era apenas uma criança para desenvolver tais atividades laborais. Na idade de 14 anos de idade, deixou a escola para se dedicar apenas ao trabalho, pois as despesas de casa tinham aumentado. Através de um convite feito pela professora F. C., com quem se encontrou na rua, disse que não pensou duas vezes, achava que era essa a oportunidade de voltar à escola, e com isso conseguir um emprego melhor. Ele ainda fez a seguinte revelação: “ - *Sonho em cursar uma faculdade de gastronomia, mas as circunstâncias não me favorecem muito*”. O discente trabalha em uma fábrica de confecções de roupa, contou que o dia de trabalho é cansativo, mas não o desmotiva quanto à escola.

Aluno 4:

O discente do 3º segmento, E.E.P., 19 anos, residente na localidade de Carro Atolado, cidade de Acarape (Ce). Filho de um pedreiro e uma professora, diz que por falta de interesse desistiu da escola, mesmo com todo o incentivo da mãe. Estudou em escola particular até o 6º ano e cursou o 7º ano em escola pública, mas diz que não se sentia bem na sala de aula. Impulsionado por sua mãe, que é professora em uma escola pública em que funcionam turmas de EJA, resolveu voltar a estudar. Seus sonhos de futuro não são tantos assim, pois disse: “ - *Quero apenas concluir o ensino médio e poder trabalhar na*

---

<sup>8</sup> Seus pais eram divorciados, e apenas o filho mais velho conheceu o pai.

<sup>9</sup> Formação de fornos circulares, feitos artesanalmente, revestidos de lenha, cheios de pedras, expelindo fumaça e fuligem pretas.

*Hidracor*".<sup>10</sup> O mesmo está desempregado, e diz que nada o impede de ir à escola à noite.

Aluno 5:

A estudante do 3º segmento, F. E. da S., 27 anos, reside na localidade de Carro Atolado, cidade de Acarape (Ce). Sua mãe é do lar, ou seja, trabalha em casa, já o pai é operador de máquinas. Ela disse que cursou até o 7º ano, teve sua vida escolar interrompida, devido a uma gravidez e passou a dedicar-se à vida familiar. A discente falou que seu sonho era cursar uma faculdade e ser professora, mas afirmou que após todas as circunstâncias tudo ficou mais difícil. A partir do convite feito pela diretora da escola a Sra. A. C da S. L., decidiu retornar à sala de aula, ela ainda revelou: “ - *Vi nessa oportunidade a possibilidade de concluir pelo menos o ensino fundamental ou quem sabe o ensino médio, não penso em ir mais longe, acho tudo meio impossível para mim*”. A mesma explicou que a família não se opõe quanto a sua decisão em voltar à escola, mas agora se vê como dona de casa e não deseja ir mais longe.

Aluno 6:

A discente do 2º segmento, M. A. da S. M., 36 anos, é casada, tem dois filhos, nasceu na cidade de Morada Nova (Ce). Os pais são agricultores, e sempre a apoiaram nos estudos, disse que cursou até o 5º ano. Aos 20 anos, casou e logo engravidou, deixando assim a sala de aula para dedicar-se ao papel de mãe e dona de casa. A aluna revelou que pouco sabe ler e escrever, que resolveu voltar à escola para praticar a escrita e aprimorar aquilo que sabe. Devido ao fato do esposo ter saído de Morada Nova em busca de trabalho e melhorias, ela o acompanhou e passaram a morar na localidade de Carro Atolado, cidade de Acarape (Ce), onde vivem até hoje. Através do convite da professora A. M. A e da coordenadora pedagógica a Sra. F. C., ela ficou sabendo das aulas que iriam acontecer à noite. No início ela não se viu

---

<sup>10</sup>A empresa faz parte do Grupo J.Macêdo, um dos maiores grupos do Norte-Nordeste do Brasil e de ação nacional na área de alimentos, sendo proprietário de marcas como Dona Benta, Petybon, Sol, Fama, Branca de Neve, Brandini, Águia, entre outras.

estimulada, mas logo depois decidiu voltar a estudar, e então disse: “ - *Resolvi me dar uma chance, a noite só assisto novela, vou para a escola, pois lá só tenho a ganhar.* ”. A discente conta que conseguiu, após muita insistência, levar o marido também de volta à escola e falou que é preciso levar o filho mais novo consigo para a aula. A aluna desabafou que não sonha em cursar faculdade e nem outro curso, quer apenas aprender a ler e escrever.

Aluno 7:

O estudante do 2º segmento, M. M. S., 41 anos, casado, um filho, reside na localidade de Carro Atolado, Acarape (Ce). Estudou até os treze anos, cursando até a 5ª série. Os pais se separam quando ele ainda era criança, por isso precisou trabalhar desde muito cedo para ajudar a mãe e os 06 (seis) irmãos mais novos, interrompendo assim seus estudos. Por muitas vezes tentou voltar a estudar, mas o trabalho sempre foi o que prevaleceu. O discente diz que o fato de ficar tanto tempo fora da sala de aula, o fez esquecer o que sabia. Falou que para se conseguir alguma coisa na vida, precisa-se de estudo. Revelou que após a esposa ficar sabendo das aulas à noite, incentivou o mesmo a voltar à escola. Ele ainda disse que foi convidado por uma professora da escola para voltar a estudar por meio da EJA, e ainda ressaltou: “ - *Desejo com essa oportunidade, conseguir minha habilitação para dirigir, pois sem o estudo nunca vou conseguir. Se eu tivesse um estudo, certamente eu conseguiria um emprego melhor!* ”. Ele ainda revelou um fato que o marcou quando adolescente: “ - *Quando eu era jovem, tinha muita vergonha, pois eu queria escrever cartas para minha namorada, mas eu não sabia ler e nem escrever, isso me marcou muito!* ”. Ele ainda diz que acha muito importante o incentivo que as docentes dão à turma para que a mesma não desista de seus sonhos. Fala que não quer mais depender dos outros, precisa saber ler, e explicou: “...[...] *pois quando eu for viajar quero ler as placas, saber onde estou, quero conseguir um emprego de motorista, mas para eu conseguir esse emprego preciso ler e escrever*”. Ele ainda explicou que por ter sofrido um

acidente no trabalho permaneceu afastado, ficando só em casa, mas disse que nada o impede de frequentar a escola à noite.

#### **1.4 Algumas Conclusões**

Durante todos esses dias de observações, vivenciando de perto, conhecendo a realidade e o perfil de cada discente, pude identificar alguns motivos que os/as levaram a permanecer tanto tempo fora da escola, tais como: a necessidade de trabalhar muito cedo, desvalorização por parte dos pais quanto aos estudos, constituição precoce de uma vida matrimonial e a falta de interesse pelos estudos.

Pude perceber nas palavras desses alunos e alunas o desejo de resgatar o tempo perdido e o quanto toda essa situação os (as) prejudicou, vendo nessa oportunidade de voltar à escola, uma nova chance de realizar seus objetivos. A escola por sua vez, enquanto aparelho social e estatal, tem um papel de fundamental importância nesse processo, pois se mostraram grandes incentivadores desses e dessas discentes, de modo a levá-los/as de volta à sala de aula, mostrando-os que vale a pena estudar e que nunca é tarde para aprender, proporcionando assim uma nova chance de obter sucesso junto aos bancos escolares. Vale ressaltar que muito desses discentes retornaram aos bancos escolares, após um trabalho de mobilização promovido pelo corpo docente. A escola procurou em um trabalho de investigação, descobrir quem eram esses alunos, convidando-os então a participar e se dar uma nova chance para aprender.

## 2. BREVE HISTÓRICO DA EJA NO BRASIL

No período colonial os jesuítas exerciam sua ação educativa missionária voltada mais para os jovens e adultos do que para crianças. O principal objetivo dessa ação foi transmitir normas referentes ao comportamento, religiosidade e ensinamentos quanto a ofícios necessários para o funcionamento da economia colonial, de início junto a indígenas e futuramente aos negros(as) escravizados(as). Uma tarefa, no entanto, com características mais religiosas do que educacionais devido ao proselitismo da igreja católica. Quanto à educação existente naquele período, Cunha nos aponta que:

Há que se ressaltar a fragilidade da educação ou do sistema de educação naquele período, considerando que a educação não era responsável pelo aumento da produtividade, pois esta se dava a partir do aumento do número de escravos, o que refletia o descaso dos dirigentes com a educação. (CUNHA, 1999, p.9).

Após a expulsão dos jesuítas em 1759 do Brasil, a educação passou a ser administrada pelo Marquês de Pombal, que promoveu uma desestruturação do sistema de ensino, de modo que a Educação voltada para jovens e Adultos sofreu abalos. Estes passaram a não encontrar lugar para estudar, isso porque o interesse prioritário de Pombal estava voltado para o ensino superior. Nesse sentido, Moura (2003) esclarece que,

A preocupação com a educação volta-se para a criação de cursos superiores a fim de atender aos interesses da monarquia, por outro lado não havia interesse, por parte da elite na expansão da escolarização básica para o conjunto da população tendo em vista que a economia tinha como referencial o modelo de produção agrário (p.27).

Tal situação se agravou com a chegada da Família Real ao Brasil (1808) e também com a Independência (1822), de modo que esses dois episódios foram decisivos para a construção de novas condições políticas e econômicas, tendo como consequência a supervalorização do ensino superior e do ensino secundário, em

detrimento da Educação de Jovens e Adultos (EJA), do ensino primário e também do ensino técnico-profissional. Segundo Ferreira essa situação se configurou por que:

Na verdade, o governo pretendia formar burocratas capazes de gerenciar e prover os cargos públicos, resolvendo, dessa maneira, o problema da falta de técnicos e administradores para as diferentes atividades governamentais. (FERREIRA, 2001, p.82)

Em 1890, com uma população total estimada em 14 milhões, o sistema de ensino atendia apenas 250 mil crianças, o que ficou constatado que ao final do período imperial, 82% da população com idade superior aos 05 (cinco) anos continuavam iletrada.

Já no início do período republicano a responsabilidade pública quanto ao ensino básico passa a ser da União, levando assim a descentralização das províncias e dos municípios. A Constituição de 1924 por sua vez dentre as muitas alterações estabeleceu a exclusão do direito de voto dos adultos, devido esses não serem alfabetizados, momento em que a maior parte da população adulta não sabia ler, nem escrever.

O projeto Sinimbu estabelece como condições para o cidadão tornar-se eleitor: que a renda mínima seja de quatrocentos mil réis (duplicou-se a renda mínima que, antes, era de duzentos mil réis); e que sejam excluídos do direito de voto todos aqueles que não saibam ler e escrever, condição esta inexistente na Constituição de 1824. (LEÃO, 2012, p. 607).

O fato de, a União ter assumido a educação básica, não provocou significativos ganhos para educação do país, isso devido à falta de investimentos orçamentários, e como resultado dessas ações negativas, HADDAD; DI PIERRO (2007, p. 88) apontam: “[...] o censo de 1920, realizado 30 anos após o estabelecimento da República no país, indicou que 72% da população acima de cinco anos permanecia analfabeta”.

Os aspectos históricos que fazem parte da trajetória da EJA no Brasil vêm surgir com mais intensidade a partir da década de 30, delimitando o seu lugar na História da Educação no Brasil. Só a partir de meados da década de 1940, é que ocorrem as distinções de um pensamento pedagógico e de políticas educacionais específicas ao campo da educação voltada para jovens e adultos, surgindo certa preocupação de forma generalizada com a educação das camadas populares.

Em meio a tantos dilemas envolvendo a educação brasileira, dando ênfase à educação de jovens e adultos, surgem movimentos iniciados por educadores(as) e que contaram com apoio da população na tentativa de ampliar o número de escolas que naquele período era insatisfatório para transformar os índices negativos existentes no país, quanto à melhoria na qualidade do ensino, começando a estabelecer possibilidades para implementação de políticas públicas voltadas para essa modalidade.

As mudanças sociais decorrentes do fim da primeira república em meio à precariedade referente aos índices de escolarização dos/as jovens e adultos, quando comparado a outras escolarizações se revelou em uma preocupação permanente da população e dos governantes brasileiros. Mudanças nessa área da educação vão surgindo e ganham mais força com o início da industrialização e o grande crescimento das áreas urbanas no país. No que se refere a essas mudanças, CUNHA, (1999, p.10), aponta que:

(...) o desenvolvimento industrial brasileiro contribuiu para a valorização da educação de adultos sob pontos de vista diferentes. Havia os que a entendiam como domínio da língua falada e escrita, visando o domínio das técnicas de produção; outros, como instrumento de ascensão social; outros ainda, como meio de progresso do país; e, finalmente, aqueles que a viam como ampliação da base de votos.

É percebida a divisão de opiniões no que se refere ao desenvolvimento industrial, em que as perspectivas de cada um, levam para uma concepção diferente quanto à transformação do cenário educacional brasileiro.

Em 1930 com o início da Era Vargas, momento em que a sociedade brasileira passava por diversas transformações decorrentes da nova era da industrialização e conseqüentemente a expansão das áreas urbanas a EJA ganha mais importância no cenário educacional no Brasil, de modo que a oferta do ensino básico e gratuito passa a ser responsabilidade dos estados e municípios, reafirmando a nação como mediador do sistema de ensino.

Quanto aos aspectos relacionados à educação no que cabe a nova constituição (1930), surgiram novas propostas como:

Um Plano Nacional de Educação, fixado, coordenado e fiscalizado pelo governo federal, determinando de maneira clara as esferas de competência da União, dos estados e municípios em matéria educacional: vinculou constitucionalmente uma receita para a manutenção e o desenvolvimento do ensino; reafirmou o direito de todos e o dever do Estado para com a educação; estabeleceu uma série de medidas que vieram confirmar este movimento de entregar e cobrar do setor público a responsabilidade pela manutenção e pelo desenvolvimento da educação. (HADDAD; DI PIERRO, 2007, p. 89)

Em 1940 a educação de jovens e adultos ganha forma de campanha nacional de massa. Em meio ao crescente índice de analfabetismo decorrente nesse período no país, a EJA se destaca ganhando certa dependência com a criação de um fundo destinado a alfabetizar e educar a população adulta analfabeta.

A EJA só veio a se firmar como um problema de política nacional no final da década de 1940, quando chega também ao fim o período do Estado Novo. Nesse

período ocorre um movimento de fortalecimento dos princípios democráticos e a criação em novembro de 1945 da UNESCO<sup>11</sup>, tendo como objetivo educar a população adulta analfabeta. Dentre os diversos objetivos de sua criação, essa organização também,

(...) denunciava ao mundo as profundas desigualdades entre os países e alertava para o papel que deveria desempenhar a educação, em especial a educação de adultos, no processo de desenvolvimento das nações categorizadas como "atrasadas". (HADDAD; DI PIERRO, 2007, p.90).

Em 1947 o Ministério da Educação propôs a Campanha Nacional de Educação de Adultos, que tinha por finalidade:

(...) numa primeira etapa de três meses, previa-se a alfabetização e depois a implantação do curso primário em duas etapas de sete meses cada uma. Posteriormente, viria a etapa de "ação em profundidade", que se constituiria em capacitação profissional e desenvolvimento comunitário. (CUNHA, 1999, p.10)

Diversas atividades foram desenvolvidas com a criação dessa campanha, como a integração dos serviços já existentes na área, produção e distribuição de material didático, motivação da opinião pública e estímulo por parte dos governos estaduais, municipais e a através de iniciativas filantrópicas. Esse movimento durou até o final da década de 1950, e foi nomeado como Campanha de Educação de Adultos e Adolescentes (CEAA). Nessa época abre-se uma discussão relacionada ao analfabetismo e a educação de adultos no país.

(...) O analfabetismo é visto como causa e não como efeito do escasso desenvolvimento brasileiro. O adulto analfabeto era identificado como elemento incapaz e marginal psicológica e socialmente. Assim como a criança, o analfabeto padeceria de menoridade econômica, política e jurídica: produz pouco e mal e é frequentemente explorado em seu trabalho; não pode votar e ser votado. (CUNHA, 1999, p.11)

---

<sup>11</sup> UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

O analfabeto, ou seja, a pessoa analfabeta era vista como um ser sem qualidades e aptidões para participar ativamente no meio social e cultural a qual pertencia. Tudo isso devido a sua condição escolar, o que privava o país de participar do conjunto das nações de cultura. Devido aos bons resultados obtidos com essa campanha, tal preconceito foi perdendo força, passando o adulto analfabeto a ser visto como um ser capaz de produzir, raciocinar e decidir questões que lhe fosse imposta.

A partir das iniciativas do Ministério da Educação e Cultura, outras campanhas foram organizadas, mas com vida curta e sem grandes feitos, foram elas: A Campanha Nacional de Educação Rural, em 1952 e a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, em 1958.

O Estado promoveu grandes ações na área da educação popular, tendo como objetivo acomodar o clima tenso que se apresentava entre as classes sociais nos meios urbanos. Nesse sentido a EJA passa a ser condição necessária para que o país viesse a se realizar como uma nação considerada desenvolvida. As transformações na área da educação se apresentaram de forma positiva nas décadas de 1940 e 1950, e o resultado de todos esses esforços “fizeram cair os índices de analfabetismo das pessoas acima de cinco anos de idade para 46,7% no ano de 1960”. (HADDAD; DI PIERRO, 2007, p.91).

No final da década de 1950 a preocupação por parte dos/as educadores/as quanto à forma de ensino voltadas aos jovens e adultos e a necessidade de uma preparação adequada para se trabalhar nessa categoria se fortalece, pois não havia distinção, assumindo, no entanto, as mesmas características da Educação Infantil, assuntos esses pautados no II Congresso Nacional de Educação realizado no Rio de Janeiro. Tudo isso se remete para um novo olhar quanto ao analfabetismo brasileiro,

surgindo então no cenário educacional uma nova forma pedagógica de alfabetizar jovens e adultos.

Já na década de 1960 é tomado como referência o pensamento de Paulo Freire, que apresentava uma nova proposta voltada à alfabetização de jovens adultos e se revelando como inspiração para o surgimento dos principais programas voltados para essa categoria de ensino.

O novo modo de pensar pedagógico a educação de jovens e adultos traz novos entendimentos no relacionamento de questões sociais e educacionais no país, isso porque essa problemática,

Antes apontado como causa da pobreza e da marginalização, o analfabetismo passou a ser interpretado como efeito da pobreza gerada por uma estrutura social não igualitária. "Era preciso, portanto, que o processo educativo interferisse na estrutura social que produzia o analfabetismo. A alfabetização e a educação de base de adultos deveriam partir sempre de um exame crítico da realidade existencial dos educandos, da identificação das origens de seus problemas e das possibilidades de superá-los". (CUNHA, 1999, p.12)

As ideias de Paulo Freire para o trato da EJA foram no sentido de levar os (as\_ educadores (as) pudessem perceber que jovens e adultos tinham necessidades próprias daí a necessidade de uma pedagogia diferenciada daquela voltada às crianças.

Surge uma nova perspectiva quanto ao modo de pensar a EJA, que passa a ser uma educação política, voltada para um pensamento mais social, percorrendo caminhos além dos aspectos pedagógicos no tocante ao ensino-aprendizagem. Num período considerado que foi de 1959 até 1964, em virtude de toda essa perspectiva,

são diversos os acontecimentos voltados para a área da educação de jovens e adultos, com o surgimento de campanhas e programas como:

O Movimento de Educação de Base, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, estabelecido em 1961, com o patrocínio do governo federal; o Movimento de Cultura Popular do Recife, a partir de 1961; os Centros Populares de Cultura, órgãos culturais da UNE; a Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler, da Secretaria Municipal de Educação de Natal; o Movimento de Cultura Popular do Recife; e, finalmente, em 1964, o Programa Nacional de Alfabetização do Ministério da Educação e Cultura que contou com a presença do professor Paulo Freire. (HADDAD; DI PIERRO, 2007, p.94)

Esses programas quase que em toda sua totalidade foram amparados pelo Estado e alguns deles patrocinados por entidades filantrópicas. O reconhecimento das características existentes na educação de jovens e adultos leva a um novo olhar quanto aos planos pedagógicos e didáticos. No que se refere ao Programa Nacional de Alfabetização, esse tinha como objetivo propagar-se por todo o Brasil, sob a orientação das propostas lançadas por Paulo Freire.

Juntamente com as ideias de Paulo Freire, na década de 60 houve uma grande mobilização social em torno da EJA. O período foi marcado pelos movimentos de Educação Popular, essas iniciativas tiveram o apoio da igreja, estudantes e intelectuais. Como exemplos desses movimentos temos: o Movimento de Cultura Popular (MCP, 1960), o Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes (UNE, 1961) e o Movimento de Educação de Base (MEB, 1961).

Com o início do Golpe Militar de 1964, essa proposta foi interrompida, devido a sua ação de “conscientização” da população, ocorrendo uma ruptura no trabalho de alfabetização que estava sendo realizado, conseqüentemente seus idealizadores e dirigentes foram duramente reprimidos. Considerados uma ameaça à ordem instalada

pela revolução, os programas voltados para a educação de jovens adultos sofreram diversas repressões, como perseguições e até censura.

O Programa Nacional de Alfabetização foi interrompido e desmantelado, seus dirigentes, presos e os materiais apreendidos. A Secretaria Municipal de Educação de Natal foi ocupada, os trabalhos da Campanha “De Pé no Chão” foram interrompidos e suas principais lideranças foram presas. A atuação do Movimento de Educação de Base da CNBB foi sendo tolhida não só pelos órgãos de repressão, mas também pela própria hierarquia católica, transformando-se na década de 1970 muito mais em um instrumento de evangelização do que propriamente de educação popular. As lideranças estudantis e os professores universitários que estiveram presentes nas diversas práticas foram cassados nos seus direitos políticos ou tolhidos no exercício de suas funções. (HADDAD; DI PIERRO, 2007 p.95)

Por serem ideias consideradas contrárias aos que se propunham os interesses das elites brasileiras, as ações direcionadas aos programas de educação de jovens adultos sofreram duras repressões. O Estado por sua vez impôs sua força objetivando a garantia de normalizar as relações sociais.

Diante de todos os acontecimentos de repressão ocorridos no período militar, diversas práticas educativas insistiram em se manter no trabalho de interesse da população, desta vez enfrentando as proibições impostas pelo Estado. Por sua vez, durante o período repressivo, alguns programas de caráter conservador, tiveram o consentimento e até mesmo incentivos do governo federal como a Cruzada de Ação Básica Cristã (ABC), que surgiu em Recife, logo ganhando espaço no país, tinha como objetivo substituir as ideologias do Movimento de Cultura Popular – MCP, desta vez seguindo os interesses impostos pelo regime militar. Por seu caráter ditador, a partir de 1968 sofre críticas pela forma como era conduzida e posteriormente perdendo forças e até mesmo sendo extinto em alguns estados no início da década de 1970.

O Estado, em meio às críticas que vinha sofrendo e buscou alternativas ao trabalho promovido pela Cruzada ABC, e no ano de 1967 funda o MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização, criado pela Lei 5.379 de 15 de dezembro de 1967, considerado este o programa oficial de Alfabetização de Adultos do governo militar. Sua criação tinha como objetivos:

A atuação do Mobral voltou-se, inicialmente, para a população analfabeta entre 15 e 30 anos. Por outro lado, objetivou sua atuação em termos de "alfabetização funcional", definindo que ela deveria visar "a valorização do homem (pela aquisição de técnicas elementares de leitura, escrita e cálculo e pelo aperfeiçoamento dos processos de vida e trabalho) e a integração social desse homem, através do seu reajustamento à família, à comunidade local e à pátria". (CUNHA, 1999, p.13)

Devido às pressões sofridas pelo regime militar, em 1969, o MOBRAL passa a tomar rumos diferentes da proposta inicial defendida pelo movimento. É lançada então uma campanha massiva de alfabetização, objetivando a dar respostas aqueles que estavam a margem do sistema escolar e que atendessem aos objetivos políticos dos governos militares.

O programa teve sua ideia apresentada junto à sociedade civil, o que possibilitou ao MOBRAL, recursos para sua permanência e ampliação. O movimento virou objeto de propaganda, uma vez que os empresários envolvidos, estavam convencidos de que o analfabetismo poderia ser erradicado, possibilitando a essas empresas uma mão de obra alfabetizada.

Três características básicas foram apresentadas para a implantação do MOBRAL, que foram:

A primeira delas foi o paralelismo em relação aos demais programas de educação. Seus recursos financeiros também independiam de verbas orçamentárias. A segunda característica foi a organização operacional descentralizada, através de Comissões Municipais espalhadas por

quase todos os municípios brasileiros, e que se encarregaram de executar a campanha nas comunidades, promovendo-as, recrutando analfabetos, providenciando salas de aula, professores e monitores. Eram formadas pelos chamados “representantes” das comunidades, os setores sociais da municipalidade mais identificados com a estrutura do governo autoritário: as associações voluntárias de serviços, empresários e parte dos membros do clero. A terceira característica era a centralização de direção do processo educativo, através da Gerência Pedagógica do MOBRAL Central, encarregada da organização da programação, da execução e da avaliação do processo educativo, como também do treinamento de pessoal para todas as fases, de acordo com as diretrizes que eram estabelecidas pela Secretaria Executiva. (HADDAD; DI PIERRO, 2007, pp.97-98)

Através do MOBRAL diversos programas foram implementados, dentre eles estão dois: em 1970 o Programa de Alfabetização, considerado o mais importante, e o PEI – Programa de Educação Integrada, semelhante ao antigo curso primário. O MOBRAL teve sua expansão por todo o território nacional, com uma atuação diversificada, onde um de seus objetivos principais era a promessa de erradicar o analfabetismo do Brasil em dez anos, propondo uma alfabetização funcional de jovens e adultos, permitindo assim melhores condições de vida através de técnicas de leitura, escrita e cálculo como meio de integração em sua comunidade.

Por ser desacreditado devido a diversas falhas, conflitos internos e fracassos como o objetivo de superar o analfabetismo no Brasil, o programa foi extinto em 1985 e substituído então pela Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos – Fundação Educar. Com uma nova formulação político-pedagógica:

A Educar assumiu a responsabilidade de articular, em conjunto, o subsistema de ensino supletivo, a política nacional de educação de jovens e adultos, cabendo-lhe fomentar o atendimento nas séries iniciais do ensino de 1º grau, promover a formação e o aperfeiçoamento dos educadores, produzir material didático, supervisionar e avaliar as atividades. A Educar manteve uma estrutura nacional de pesquisa e produção de materiais didáticos, bem como coordenações estaduais, responsáveis pela gestão dos convênios e assistência técnica aos

parceiros, que passaram a deter maior autonomia para definir seus projetos político-pedagógicos. (HADDAD; DI PIERRO, 2007, p. 107)

Esse programa que veio com a responsabilidade de dar continuidade ao MOBRAL, sofreu subordinação estrutural por parte do Ministério da Educação e Cultura (MEC), transformando-se em órgão de incentivo e promoção e conquistando apoio técnico, deixando de lado o objetivo central de instituição de execução direta.

Muitas das práticas-pedagógicas desenvolvidas nesse período por entidades religiosas, organizações civis, voltadas à educação popular, devido a sua proibição, eram realizadas em algum momento de forma ilícita, tiveram seu momento de libertação, alcançando assim os espaços das universidades e sendo influência em programas voltados para a comunidade, uma alfabetização e escolarização de jovens e adultos.

A Constituição de 1988 em seu artigo 208 consagra a educação de jovens e adultos um direito universal como parte integrante do ensino fundamental público e gratuito, não importando a idade, estabelece ainda que num prazo de 10 (dez) anos, através de investimentos de recursos voltados para a educação o Estado e a sociedade civil se esforçassem na luta pela conquista da erradicação do analfabetismo e universalizar o ensino fundamental. Em 1990 a Organização das Nações Unidas – ONU declarou essa data como o ano Internacional da Alfabetização.

Quanto aos desafios enfrentados pela educação de jovens e adultos nos anos 90, são apontados:

O estabelecimento de uma política e de metodologias criativas, com a finalidade de se garantir aos adultos analfabetos e aos jovens que tiveram passagens fracassadas pelas escolas o acesso à cultura letrada, possibilitando uma participação mais ativa no universo profissional, político e cultural. O desafio torna-se maior quando se pensa que o acesso à cultura letrada não significa em qualquer hipótese ignorar a cultura e os saberes que os jovens e adultos trazem como bagagem. (CUNHA, 1999, p.15)

Em março de 1990, através de medidas tomadas pelo novo governo é extinta a Fundação Educar, estabelecendo um enorme vazio no campo da educação de jovens e adultos. Essa decisão é tomada com o objetivo de enxugar as despesas existentes e apresentadas pela atual gestão, dentre outras medidas tomadas para controlar a inflação e as contas públicas.

Com a falta de incentivo por parte do governo federal, alguns estados e municípios tiveram que tomar iniciativas próprias para dar continuidade as atividades, assumindo assim a responsabilidade de oferecer programas de educação de jovens e adultos.

Nas promessas de um governo que dois anos mais tarde sofreria um impeachment, surgiu a esperança da continuidade de apoio aos programas de educação, através de promessas que não obtiveram sucesso, da criação do Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania – PNAC. Esse programa vinha com o propósito de substituir aquilo que era ofertado pela extinta Fundação Educar. Seus recursos partiriam da esfera federal, com o intuito de que, tanto instituições públicas, particulares e a comunidade pudessem promover a alfabetização, elevando assim os níveis de escolaridade dos jovens e adultos.

Em 1993 o governo federal toma iniciativas para criação do Plano Decenal, que tinha como principal objetivo promover oportunidades de acesso ao ensino fundamental à classe analfabeta e aos jovens e adultos que se apresentavam com um nível escolar baixo. No ano seguinte com a posse de um novo governo liderado por Fernando Henrique Cardoso<sup>12</sup>, esse plano chega ao fim.

Dentre as prioridades o governo federal priorizou:

---

<sup>12</sup> Fernando Henrique Cardoso – Presidente do Brasil eleito em 1994 e reeleito em 1998.

A implementação de uma reforma político-institucional da educação pública que compreendeu diversas medidas, dentre as quais a aprovação de uma emenda constitucional, quase que simultaneamente à promulgação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). (HADDAD; DI PIERRO, 2007, p.110)

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB, Lei nº. 9.394/96, em seu Capítulo II – Da Educação Básica – em sua Seção V, dedica dois artigos (art. 37 e 38) voltados para a Educação de Jovens e Adultos, obrigatoriamente assegurando de forma gratuita a todos aqueles que não tiveram acesso à educação na idade certa, seus direitos garantidos e na continuidade de seus estudos tanto no ensino fundamental quanto no médio. A nova Lei vem para reafirmar os direitos à educação básica já estabelecidos aos jovens e adultos que exercem suas atividades de trabalho. O que se apresentou como novo nessa Seção da Lei foi a mudança das idades mínimas para os alunos prestarem exames supletivos, sendo de 15 anos para o ensino fundamental e 18 anos para o ensino médio. Com a nova LDB, a diferença existente entre o ensino regular e supletivo passa a ser extinto, ocorrendo então a integração da educação de jovens e adultos ao ensino básico comum.

A crise de financiamento imposta pelo Estado e suas reformas, vieram a impedir investimentos voltados para a EJA no tocante aos direitos educacionais. Com os cortes nos gastos que eram prioridade da política educacional, é redefinido o papel do governo e das instituições de ensino, quanto à prestação desses serviços voltados para a sociedade. Apesar do governo não ter se afastado por completo desses serviços, o que vem a se associar para a ocorrência desses fatos, foi o afastamento do Ministério da Educação quanto as suas funções voltadas à educação básica de jovens e adultos. Ocorreram iniciativas por parte de outros setores do governo, assumindo tarefas direcionadas aos programas de alfabetização e crescimento da escolaridade na área da educação.

Durante a década de 1990, foram diversas as mobilizações que marcaram o processo de educação de jovens e adultos no país, tanto no campo cultura, jurídico e político. Nesse período o governo federal apresenta três programas objetivando a formação de jovens e adultos com perfil de baixa renda e com escolaridade na qual se assemelha: uma parceria que envolva diferentes instâncias governamentais, organizações formadas pela sociedade civil e instituições de ensino e pesquisa.

Criado em 1996, o PAS – Programa de Alfabetização Solidária do Ministério da Educação, que tinha como principal objetivo fazer um movimento de solidariedade nacional e alcançar a redução dos índices de analfabetismo até o final do século. O programa foi desenvolvido inicialmente com a proposta de ser executado em cinco meses, destinado ao público jovem, municípios e periferias urbanas que apresentavam um elevado índice de analfabetismo. Teve uma rápida expansão pelo país, porém seus resultados foram insatisfatórios quanto à capacidade de aprendizagem na leitura e escrita o que foi atribuído ao curto tempo de duração para se alfabetizar.

Em 1997 surge o programa do governo federal, PRONERA – Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária, formado a partir de uma junção entre o Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB) com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), tinha em suas ideologias, a proposta de política pública de educação de jovens e adultos no meio rural. Coordenado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) ligado ao Ministério Extraordinário da Política Fundiária (MEPF). Entra em ação a partir de 1998, através de uma parceria entre o governo federal, universidades e sindicatos ou movimentos sociais. Tinha como alvo principal a alfabetização inicial de trabalhadores rurais que não apresentavam nenhuma escolaridade, de modo que: “Em 1999 chegou a 55 mil alfabetizando e pelo menos 2,5 mil monitores nas 27 unidades da Federação” (HADDAD; DI PIERRO, 2007, p. 116).

O terceiro programa federal foi o PLANFOR – Plano Nacional de Formação do Trabalhador, foi criado em 1995, coordenado pela Secretaria de Formação e Desenvolvimento Profissional do Ministério do Trabalho (SEFOR/MTb) e financiado através de recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), objetivava promover uma formação educacional complementar e destinado a qualificação profissional da população economicamente ativa. Operado através de parcerias profissionais do setor público e privado e outras instituições voltadas para a educação. O Plano tinha como visão: “Ampliar e diversificar a oferta de educação profissional com vistas a qualificar e requalificar anualmente 20% da PEA por intermédio dos Planos Estaduais de Qualificação (PEQs) e as Parcerias Nacionais e Regionais”. (HADDAD; DI PIERRO, 2007, p.117)

No ano de 1997 realizou-se em Hamburgo, na Alemanha, a V Conferência Internacional de Educação de Adultos – Confinteia, promovida pela UNESCO, onde estiveram presentes 1.500 representantes de 170 países, na qual:

Assumiram compromissos perante o direito dos cidadãos de todo o planeta à aprendizagem ao longo da vida, concebida para além da escolarização ou da educação formal, incluindo as situações informais de aprendizagem presentes nas sociedades contemporâneas, marcadas pela forte presença da escrita, dos meios de informação e comunicação. (DI PIERRO, 2005, p.17)

A partir de toda uma transformação ocorrida por todo o mundo, surge uma preocupação em torno da população de jovens e adultos não alfabetizados de como enfrentar esses momentos de mudanças socioeconômicas e culturais existentes, tornando a sociedade mais autônoma e responsável, capaz de superar todos os obstáculos impostos. Mediante as preocupações apresentadas aos cidadãos de todo o mundo é aprovada na V Conferência:

A garantia do direito universal à alfabetização e à educação básica, concebidas como ferramentas para a democratização do acesso à cultura, aos meios de comunicação e às novas tecnologias da informação. A educação de jovens e adultos foi valorizada também por

sua contribuição à promoção da igualdade entre homens e mulheres, à formação para o trabalho, à preservação do meio ambiente e da saúde. (DI PIERRO, 2005, p. 18).

Em 1995 a educação passa por uma reforma devido às estratégias tomadas pelo governo federal como medidas para a diminuição nos gastos públicos, descentralizando os encargos financeiros com a educação, instituindo então um sistema para redistribuição dos recursos voltados para o Ensino Fundamental. Desta feita a modalidade de educação de jovens e adultos fica excluída, permanecendo a margem desse processo das políticas públicas.

Como instrumento dessa reforma está à criação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério (FUNDEF), aprovado a partir da Emenda Constitucional 14/96, e regulamentado pela Lei n.º 9.424 / 96 e pelo Decreto nº 2.264/97, tendo como objetivo central um novo sistema de redistribuição dos recursos destinados ao Ensino Fundamental, erradicação do analfabetismo e universalização do ensino até 1998. Essa nova Lei, apresenta obrigatoriedade aos estados e municípios quanto à execução de planos de carreira para o magistério, com aplicação de pelo menos 60% dos recursos sendo destinados tanto para remuneração dos docentes em exercício, habilitar professores leigos e institucionalizar conselhos que pudessem controlar e acompanhar todo esse novo processo. A criação desse fundo e suas formas de distribuição deixam desamparados três segmentos da educação básica, dentre elas a educação básica de jovens e adultos.

Já em 2005 foi criado o Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade Educação de Jovens e Adultos - PROEJA, através do Decreto 5478/2005, sendo posteriormente reformulado pelo Decreto 5840/2006, teve como objetivo principal a formação inicial e continuada de trabalhadores, atender à demanda de jovens e adultos pela oferta de educação profissional técnica de nível

médio, uma vez que esses, sofrem exclusão até mesmo dentro da própria categoria de ensino. De acordo com o Decreto nº 5478/2005, todos os Centros Federais de Educação Tecnológica e Escolas Técnicas deveriam ofertar o PROEJA, cabendo às universidades federais dever de promover a formação dos professores dessas instituições.

Uma conquista significativa para a modalidade de EJA foi sua afirmação como um direito assegurado, e sua inclusão, mediante frequência obrigatória e avaliação no processo, junto ao Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (FUNDEB)<sup>13</sup>, a partir do ano de 2007.

Por fim é possível dizer que a Educação de Jovens e Adultos passa por diversos processos para ser reconhecido como modalidade de ensino. Essa conquista assegura o direito antes não existente, o acesso à educação que antes era mal distribuído. Apresentando um país com um índice elevado de analfabetismo. A partir de mobilizações por parte da educação, da sociedade civil e incentivos das políticas públicas pode-se hoje perceber que esse quadro mudou, mas, muito ainda deve ser feito para que possamos continuar seguindo positivamente enfrentando os desafios que ainda ocorrem com a educação do nosso país.

---

<sup>13</sup> O fundo de manutenção e desenvolvimento da Educação Básica foi criado pela Emenda Constitucional nº 53/2006 e regulamentado pela Lei nº 11.494/2007 e pelo Decreto nº 6.253/2007, substituindo o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério - Fundef, vigente no período de 1998 a 2006.

### 3. ESCUTANDO AS MULHERES E OS HOMENS DA EJA

A educação de Jovens e Adultos tem seu perfil voltado para homens e mulheres a partir dos 15 anos de idade, que estão fora da sala de aula por diferentes motivos e que passam a fazer parte dos altos índices de analfabetismo no país.

Após muito tempo afastado da escola, a visão de mundo de uma pessoa adulta ou até mesmo aquele que inicia sua trajetória de vida numa fase mais avançada, é consideravelmente particular. No entanto, esses homens e mulheres são protagonistas de histórias reais, ricas de experiências já vividas, cada um com sua peculiaridade, levando para dentro da sala de aula crenças e valores já formados. A oralidade está expressada por esses (as) discentes de idade mais avançada o que é facilmente percebida quando comparada com os mais jovens. Adultos cheios de histórias para contar, relatos surpreendentes de lutas e sofrimentos que fizeram parte de suas vidas, enraizados na memória, mas que em nenhum momento deixou essa tristeza fazê-los desistir de seus sonhos. Para muitos o desejo de recuperar o tempo perdido, abraçando a oportunidade que não tiveram quando jovens, a vontade de deixar para trás as frustrações que os acompanharam por tanto tempo, o de não saber ler e escrever. Para outros a certeza de que nunca é tarde para aprender, que certamente conseguirão alcançar os seus objetivos, o de estudar, se formar e conseguir um melhor emprego.

Antes de começar o meu trabalho de conversas com os/as alunos/as da EJA, procurei conhecer o perfil desses/as alunos/as, como evidenciado anteriormente, e foi a partir desse primeiro contato que percebi que o público da EJA em sua grande maioria, busca a escola devido a questões ligadas ao mundo do trabalho. E foi a partir desse momento que me interessei em investigar quais as motivações das Senhoras e dos Senhores, para sair e voltar à escola por meio da EJA?

Dando início a minha conversa com esses/as discentes, procurei dialogar de forma individual, com essas senhoras e senhores, procurando deixá-los (as) bem à

vontade para que as conversas surtisses bons frutos. Logo abaixo apresento o perfil dessas pessoas e suas motivações quanto à escola.

Minha 1ª entrevistada foi a senhora J. M., mulher que nasceu num povoado chamado Canta Galo, anteriormente pertencente à cidade de Redenção (Ce), hoje distrito do município de Acarape (Ce). Ela tem 57 anos, seus pais eram agricultores, sua mãe casou-se duas vezes, no seu primeiro casamento teve 03 (três) filhos e no segundo 05 (cinco). Ela revela que pertencia a uma família pobre que via na agricultura a sua forma de subsistência. Dona J. M., falou que a escola era muito longe e só frequentou pela primeira vez quando tinha 12 (doze) anos de idade, porque assim como seus irmãos, precisava ajudar a família nos trabalhos da roça, ao se reportar a escola diz:

Estudei no antigo MOBRAL, mas não gostava, não consegui aprender nada, tudo parecia difícil, na verdade eu ia mesmo era para namorar. Não durei muito tempo, logo eu saí. Hoje eu me arrependo muito de não ter estudado. Não ter estudado me trouxe consequências até hoje, tudo isso prejudicou não só a mim, mas a toda minha família. Eu sentia falta de não saber ler e escrever pois nem as contas de casa eu sabia fazer. Aí como eu me arrependo de não ter estudado, como é bom aprender a ler e escrever. Não culpo os meus pais como muita gente faz, a culpa é toda minha que não me interessei pela escola. Hoje eu já consigo ler pequenas frases e fazer o meu nome, para mim isso já é muita coisa. Enquanto eu puder vou continuar estudando, se eu tivesse em casa estaria assistindo novela. Aqui, além de aprender, me distraio e converso com as minhas amigas. Tenho fé que vou conseguir ler e escrever.<sup>14</sup>

Por sua vez, Dona J. M., diz que o estudo é muito valioso e que passou por muitas dificuldades durante sua vida por não ter estudado. Casou muito cedo, seu marido era agricultor, com quem teve 04 (quatro) filhos. Hoje vive num segundo casamento, o marido trabalhava em uma empresa da região. A discente afirma que voltar a escola mesmo depois de tanto tempo foi uma alegria imensa. A cada dia quer aprender mais e mais, e diz que a professora é muito atenciosa e compreensiva.

---

<sup>14</sup> Entrevista concedida por Dona J. M. Entrevistador: CAVALCANTE, Moésio, Acarape (Ce), 2016.

Minha 2ª entrevistada foi a Senhora M. O., tem 55 anos, nasceu na cidade de Pacoti (Ce), filha de agricultores, uma família composta por 16 irmãos, hoje apenas 04 (quatro) vivos. Relata que a escola era muito longe de sua casa e precisava ajudar os pais nos trabalhos na agricultura. O pai faleceu, quando ela tinha apenas 12 anos. Diz que o desespero tomou conta de sua família. Sem saber o que fazer, fugiu de casa e sem rumo, foi acolhida por uma senhora da cidade onde temporariamente passou a morar e trabalhar. Cuidava de duas crianças filhas dos donos da casa. Com 13 anos voltou à escola onde permaneceu por dois anos, e disse:

Não consegui aprender ler e escrever, tinha que estudar e trabalhar, tudo era só sofrimento para mim. Eu estava distante da minha mãe, em casa de estranhos, parecia que nada conseguia entrar na minha mente, só pensava em chorar e voltar para casa<sup>15</sup>.

Quando tinha 15 anos voltou para casa da mãe, no entanto, a fome e a miséria ainda permaneciam por lá. Ela continuou a ajudar a mãe e seus irmãos no trabalho da roça. Ela fala que dessa vez a oportunidade de ir à escola era existente, mas:

Eu sentia vergonha de ir para a escola, pois eu não tinha nem calçados e nem roupa, nunca minha mãe conseguia comprar, só tínhamos quando ganhávamos de alguém. (Idem)

Aos 20 anos ela se casou, seu marido é agricultor, com quem teve 06 filhos. Ela afirma que as dificuldades só aumentavam, então resolveram mudar de cidade. Passaram a morar em Acarape (Ce), onde afirma que tudo começou a mudar de história. Seus filhos puderam estudar, mas nenhum concluiu o ensino médio, não por falta de incentivo dos pais e oportunidade, mas sim por vontade própria. Dona M. O. revela que para conseguir um emprego melhor precisava de estudo e isso lhe fez muita falta, pois durante sua vida muitas oportunidades foram passando. Após tanto tempo resolve voltar a escola, e justifica sua decisão:

Eu tinha muita vontade de aprender, então resolvi voltar a escola. Estou muito motivada, muita coisa mudou, graças à Deus e a escola, o saber que eu não tinha, hoje eu tenho. Depois que eu vim para escola estou

---

<sup>15</sup> Entrevista concedida por Dona M. O.. Entrevistador: CAVALCANTE, Moésio, Acarape (Ce), 2016.

me desenrolando, perdendo a vergonha de me apresentar em público. Até participo das festas da escola. Peço a Deus chegar a noite para ir para a escola. Para mim a escola representa o saber, muitas coisas para o futuro. Tenho fé que vou aprender a ler e escrever mais e mais, pois é o que eu mais desejo, ainda mais com uma professora dessa que é muito legal. Só coisa boa, só coisa boa eu tenho dentro da escola... Agora que estou aqui, vou demorar a sair. Aqui é só prazer!<sup>16</sup>

Minha 3ª entrevistada é a Senhora R. A., natural de Redenção (Ce), têm 78 anos, ela e seus sete irmãos foram criados pelos seus pais na localidade de Lagoa Grande, hoje pertencente à cidade de Barreira (Ce). Sua família vivia da agricultura e da fabricação de farinha. Quando tinha apenas 08 (oito) anos, começou a ir para o roçado com os pais, onde trabalhava durante todo o dia. Ela diz que tinha escola perto de casa, mas seus pais não a colocavam porque tudo era muito difícil e precisava contar com a ajuda de todos nas tarefas de casa. Foi a escola pela primeira vez quando já tinha treze anos. Sobre as suas experiências e motivações sobre a escola diz:

Sempre fui uma criança pra frente, gostava de arengar com os meus colegas, na verdade eu só queria saber era de brincar. Eu tinha muita dificuldade de aprender, não sentia motivação para estudar. Só fiquei dois anos na escola, ainda consegui aprender a fazer o meu nome, mas não tinha leitura. Eu conhecia as letras, mas não conseguia juntar e formar palavras. Não é porque eu não fui a escola, que eu quero que o meu filho e as outras pessoas façam o mesmo. Hoje eu posso falar, estudar é muito bom. A gente se distrai e aprende. Gosto de estar na escola, meus professores são muito bons, mesmo que eu demore a aprender, vou continuar vindo. O que me importa é estar aqui estudando<sup>17</sup>.

A aluna diz que nunca casou, criou o sobrinho desde os seus 10 (dez) meses de idade, e viveu da agricultura até chegar a aposentar aos seus 67 anos<sup>18</sup>. Devido ao fato de gostar da agricultura e não sentir prazer pelos estudos, a aluna diz que não sofreu

---

<sup>16</sup> Entrevista concedida por Dona M. O. Entrevistador: CAVALCANTE, Moésio, Acarape (Ce), 2016.

<sup>17</sup> Entrevista concedida por Dona R. A.. Entrevistador: CAVALCANTE, Moésio, Acarape (Ce), 2016.

<sup>18</sup> A aluna por problemas na documentação, só conseguiu sua aposentadoria com 67 anos. De acordo com o parágrafo 1º do artigo 48 da Lei nº. 8.213/1991 tem direito à aposentadoria rural por idade o trabalhador rural que completar 60 (sessenta) anos se homem, ou 55 (cinquenta) anos se mulher, no valor de um salário mínimo vigente a época da data do requerimento.

consequências por não ter ido à escola. A aluna diz que há mais de 10 (dez) anos frequenta a escola, as dificuldades em aprender são muitas, mas não desiste. A aluna é a que mais frequenta a escola, diz que só falta por motivo muito sério. Quando tem dificuldades em aprender, ela diz que a professora fala que ela tenha calma, que vai conseguir. Tem total apoio da família, diz que vai lhe fazer bem, estar convivendo com outras pessoas e ainda vai aprender. Demonstrando sua felicidade e motivação em seu aprendizado me fala que já sabe fazer o nome Rosinha.

Minha 4ª entrevistada foi a Sra. M. M., tem 49 anos, mora na localidade de Carro Atolado, município de Acarape (Ce). Filha de agricultores, diz que sempre ajudou os pais na agricultura e frequentava a escola que era perto de casa. Estudou até a 7ª série, quando resolveu casar e dedicou-se totalmente a família. Seu marido trabalhava em pedreiras e era o único que ajudava a sustentar a casa. Têm três filhos, a mais velha já concluiu o ensino médio, os outros dois ainda permanecem estudando. Hoje ela está divorciada. A aluna fala que voltou a escola não para aprender, mas sim para acompanhar o seu filho Sales Filho, 18 anos, que não deseja estudar. Em um ato admirável ela vai todos os dias na escola para que seu filho se sinta motivado a frequentar. Diz que não quer que seu filho passe pelo mesmo que ela passou. Ela diz que vai continuar até ele concluir os estudos. Incentiva todos os dias o filho a continuar frequentando a escola, fala que ele sempre teve dificuldades nos estudos e sempre precisou acompanhá-lo. O seu sonho é que seus filhos se formem e consigam um emprego melhor e não passe por tudo o que ela e seu esposo passaram.

Se eu tivesse estudado, poderia arrumar um trabalho melhor e ajudar meu marido, pois as dificuldades financeiras são muitas e essa minha falta de estudo me prejudicou bastante. A vida sem estudo é muito difícil, falo isso para meu filho, mas ele não quer me escutar. Pelo futuro dele vou continuar vindo todos os dias. Até porque eu também me distraio, pois passo o dia dentro de casa e a noite estou aqui na escola com meus amigos e vendo meu filho aprendendo. Ela diz que vai continuar até ele concluir, pois a educação é muito importante na nossa vida.<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> Entrevista concedida por Dona M. M. Entrevistador: CAVALCANTE, Moésio, Acarape (Ce), 2016.

#### 4. REFLEXÕES SOBRE AS FALAS DOS SENHORES (AS) DA EJA.

A cada fala um novo aprendizado, as motivações e as expectativas expressadas por esses alunos na volta à escola. Quanto é notório, como a falta da educação na vida de uma pessoa pode ocasionar tantas transformações.

Fica evidente que muitos desses alunos tiveram seus estudos comprometidos devido a necessidade de ajudar seus pais no sustento da família, dentre outros motivos que foram apresentados, tendo como fator relevante o analfabetismo desses alunos.

Segundo Gadotti (2010, p. 6), esses educandos jovens e adultos já tiveram seus direitos desrespeitados, a esses foi negada a educação e hoje:

Os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego, etc.) que estão na raiz do problema do analfabetismo. O desemprego, os baixos salários e as péssimas condições de vida, comprometem o seu processo de alfabetização. Falamos de jovens e adultos referindo-nos à educação de adultos, porque aqueles que frequentam os programas de educação de adultos, são majoritariamente os jovens trabalhadores.

É perceptível que esses alunos vão mudando seu jeito de ser, o seu comportamento e a maneira de se relacionar, passam por modificações a partir de sua inserção nesse novo mundo da educação. A cada dia novas conquistas e a troca de saberes que fortalece e diferencia no aprendizado.

A procura desses discentes pela escola é um passo não muito simples. Essa decisão ao ser tomada envolve suas famílias, seus trabalhos, a distância a ser percorrida até a escola todos os dias. A força de vontade em aprender é o que motiva esses jovens e adultos a permanecerem e não desistirem de seus objetivos.

Esses homens e mulheres que buscam a escola, sejam eles jovens ou adultos, apresentam semelhanças em relação a sua classe social. São pessoas com baixo poder aquisitivo. Quase que em toda sua totalidade, esses alunos têm pais agricultores

e muitos seguiram os seus passos. São formadores de uma família desordenada, sem estrutura, o que acarreta em um descontrole social que conseqüentemente leve o país aos altos índices de analfabetismo e miséria.

A vontade desses alunos em conseguir aprender a ler e escrever pôde ser percebida durante suas falas, onde os mesmos apontam o quanto essa falta os prejudicou durante suas vidas. Hoje o que a maioria deles desejam não é um futuro promissor, uma vida profissional resultado dos seus estudos, mas sim a certeza de que conseguiram sair daquela sala de aula capazes de fazer leituras e escrever seus próprios nomes e sem dúvida a certeza de que esse retorno a sala de aula tenha valido a pena.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

Considerando a Educação de Jovens e Adultos como um projeto de grande importância para a contribuição na diminuição e transformação dos grandes índices existentes no país de pessoas adultas analfabetas, senti a necessidade de transformar minhas dúvidas e curiosidades em pesquisa de cunho científico, conhecendo as motivações e expectativas dos alunos da EJA, quanto suas saídas e retornos a sala de aula. Evidentemente, não seria algo muito fácil, pois encontraria no caminho obstáculos, mas que, com certeza fariam parte do processo do conhecimento e certamente algo prazeroso, poder apresentar como resultado o quanto esse programa tem sua contribuição e importância na vida dessas pessoas que a tanto tempo estiveram fora da vida escolar.

Em minha passagem rápida como docente de EJA, não pude conhecer a fundo todo o histórico escolar que envolve esses discentes, ficando assim a curiosidade e o interesse em entender como ocorre todo esse processo na vida desses homens e mulheres. Ao longo deste estudo busquei compreender as motivações de cada e um e cada uma nesse processo de aprendizagem. As situações que colocaram essas pessoas fora da escola e as expectativas dos mesmos em retornarem ou até mesmo ter um primeiro contato com a leitura e a escrita. As dificuldades foram aparecendo a cada

momento, pareciam estar surgindo na tentativa de me fazer desistir, era preciso conciliar meu tempo com o horário da pesquisa em sala de aula, as leituras e pesquisas constantes voltadas para o campo teórico, relacionadas com o assunto, a compreensão da família em ver meu tempo dedicado a esse trabalho, as dúvidas, o medo de não ser bem recebido no cenário da pesquisa e ver meus objetivos sem sucesso, mas o resultado encontrado foi de caráter positivo, a cada obstáculo vencido a certeza de que no final tudo daria certo.

Saber que esses senhores e senhoras, vêem nesse programa a oportunidade de resgatar o tempo perdido, de ouvir em seus relatos, a satisfação em poder depois de tanto tempo aprender a ler e escrever, que é o objetivo da maioria, não esquecendo aqueles que procuram o programa com o objetivo de aprimorar seus estudos, lhes proporcionando um melhor emprego e a conquista de seus objetivos.

A cada relato uma surpresa, a história de vida que cada um carrega consigo, repleta de dificuldades e superações, que me emocionavam e me trouxeram novos ensinamentos, perceber que diante das dificuldades não devemos desistir e sim fazer delas um degrau para alcançarmos nossos objetivos. Foi possível ter como conhecimento e aprendizagem dentro dessa pesquisa, que não há idade certa para aprender, pois o nosso aprendizado é uma constante, devemos lutar pelos nossos ideais, nossos sonhos, sejam eles qual for. Certamente a educação tem sua fundamental importância nessa construção de uma sociedade mais justa e igualitária, de transformar homens e mulheres em pessoas formadoras de opiniões, acabando assim com a desigualdade e o processo de exclusão hoje existente.

Em um momento atual na qual vivemos em que o analfabetismo ainda é um problema social de grandes proporções em nosso país, certamente o programa EJA, tem sua grande importância e contribuição na diminuição de analfabetos no país. Mais precisamente na cidade de Acarape, podemos perceber que a tentativa de erradicar o analfabetismo é uma luta constante por parte da Secretaria de educação, na qual mantém esse projeto ativo, na tentativa de mudar o cenário hoje existente em nosso município.

A tarefa não é fácil, pois muitos desses alunos que estão hoje frequentando a sala de aula, como aqueles que ainda não se deram a oportunidade de aprender, a princípio se negam a participar, muitos por medo, outros por acharem que não vale mais a pena, o cansaço físico de um dia de trabalho, dentre outros motivos, faz parte dos desafios de todos que estão envolvidos nesse processo.

Certamente muito ainda tem para se fazer, as dificuldades obviamente sempre irão surgir, mas a satisfação em ver a alegria de todas essas pessoas que frequentam a EJA, podendo realizar seus sonhos, é bastante satisfatório.

Como pôde se constatar, foram muitas as lutas e conquistas, avanços e retrocessos dentro dessa modalidade de educação para tornar o programa como um direito assegurado por lei, não deixando de abordar a contribuição do educador Paulo Freire nesse processo de aprendizagem, o que modificou toda a metodologia antes utilizada para se alfabetizar jovens e adultos.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL: lições da prática. — Brasília: UNESCO, 2008. 212 p.

ANALFABETISMO NO BRASIL. Disponível em:  
<<http://pernambuco.ig.com.br/carreiras/2015/analfabetismo-no-brasil-atinge-marca-dos-13-milhoes>> Acesso em: 12 set. 2015.

BARBOSA, Maria Lúcia Ferreira de Figueiredo. *Prática de Leitura no ensino Fundamental*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

BRASIL. MEC/CNE/CEB. Lei Nº 11.494. Regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - FUNDEB, de que trata o art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias; altera a Lei nº. 10.195, de 14 de fevereiro de 2001; revoga dispositivos das Leis nos 9.424, de 24 de dezembro de 1996, 10.880, de 9 de junho de 2004, e 10.845, de 5 de março de 2004; e dá outras providências. Brasília, 2007.

\_\_\_\_\_. Lei 9.394/1993. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 2005.

CONSTRUÇÃO COLETIVA: Contribuições à educação de jovens e adultos. — Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005. p. 17-30.

CUNHA, Conceição Maria da. BRASIL. Salto para o futuro - Educação de jovens e adultos / Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999. pp 9-18.

FERREIRA, Liliana Soares. Educação & História. 2. ed. Ijuí: Editora Unijui, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. Saberes Necessários à Prática Educativa Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

\_\_\_\_\_. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 10ª ed. São Paulo. Paz e Terra. 2002.

GADOTTI, Moacir. **Educação de jovens e adultos**: um cenário possível para o Brasil. Disponível em:<[http://www.paulofreire.org/pub/Institu/SubInstitucional1203023491lt003Ps002/EJA\\_Um\\_cenario\\_possivel\\_2003.pdf](http://www.paulofreire.org/pub/Institu/SubInstitucional1203023491lt003Ps002/EJA_Um_cenario_possivel_2003.pdf)> Acesso em 23 jun. 2016.

HADDAD, Sérgio. DI PIERRO, Maria Clara. BRASIL. **Educação como exercício de diversidade. Escolarização de Jovens e adultos** – Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2005. pp. 85-128.

ÍNDICE DE ANALFABETISMO. Disponível em: <[www.acaoeducativa.org.br/.../dados-da-pnad-indicam-ligeira-diminuicao](http://www.acaoeducativa.org.br/.../dados-da-pnad-indicam-ligeira-diminuicao)> Acesso em: 14 set. 2015.

LEÃO, de Michele. **Lei Saraiva (1881): se o analfabetismo é um problema, exclui-se o problema.** Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/30737>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

MOURA, Maria da Gloria Carvalho. Educação de Jovens e Adultos: um olhar sobre sua trajetória histórica/ Maria da Glória Carvalho Moura – Curitiba: Educarte, 2003.

OLIVEIRA, J.F., LIBÂNEO, J.C. *A Educação Escolar: sociedade contemporânea.* In: Revista Fragmentos de Cultura, v. 8, n.3, p.597-612, Goiânia: IFITEG, 1998.

SOLÉ, Isabel. *Estratégia de Leitura.* Porto Alegre: ArtMed, 1998.  
*TRABALHO INFANTIL:* Disponível em:  
<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Trabalho infantil](https://pt.wikipedia.org/wiki/Trabalho_infantil)> Acesso em: 14 set. 2015.

## **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

APOSENTADORIA POR IDADE RURAL: Quais os Requisitos Necessários. Disponível em: <[alinebmedeiros.jusbrasil.com.br/.../aposentadoria-por-idade-rural-quais-os-requisitos-](http://alinebmedeiros.jusbrasil.com.br/.../aposentadoria-por-idade-rural-quais-os-requisitos-)> Acesso em: 24 mai. 2016.

CAIEIRAS AMEAÇAM MEIO AMBIENTE. Disponível em:  
<[diariodonordeste.verdesmares.com.br/.../caieiras-ameacam-meio-ambiente/](http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/.../caieiras-ameacam-meio-ambiente/)> Acesso em: 14 set. 2015.

SIGNIFICADO DE SELFIE: Disponível em: <[www.significados.com.br/selfie/](http://www.significados.com.br/selfie/)> Acesso em: 14 set. 2015.

# **ANEXOS**

## QUESTIONÁRIO

- 1) Quais os motivos que o levaram a estar fora da escola ou desistir de estudar? Quais foram as consequências? Relate a sua trajetória de vida sem escola.
- 2) Você já se sentiu discriminado por não ter os estudos completos ou não os ter?
- 3) Qual a sua visão de mundo, estando tanto tempo fora da escola ou até mesmo nunca ter frequentado? Que experiências você traz consigo como contribuição para seu aprendizado?
- 4) O método de ensino tem correspondido as suas expectativas?
- 5) Por quê resolveu procurar a escola, o que lhe motivou a tomar essa decisão? O que representa para você retornar à escola ou frequentá-la pela primeira vez? Que dificuldades encontram, dentro e fora da escola, para concluir seus estudos?
- 6) Já pensou em desistir, por quê?
- 7) O que a escola representa para você?
- 8) Você teve incentivos por parte da família para retornar aos estudos?
- 9) Quais os seus sonhos? O que você deseja conseguir com o aprendizado na escola? Onde pretende chegar?

## OS DISCENTES DA EJA E SUAS PARTICIPAÇÕES NA ESCOLA.













